

Movimento ecumênico e pluralismo religioso: um desafio à teologia protestante latino-americana

Ecumenical movement and religious pluralism: a challenge to Latin American Protestant theology

Alonso Gonçalves¹

RESUMO

O presente artigo pretende abordar o movimento ecumênico no protestantismo latino-americano e os desafios do pluralismo religioso. Focando no segmento ecumênico-progressista do protestantismo latino-americano, principalmente nas reflexões que deram base para o que ficou conhecido como ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina, o texto procura demonstrar que esse segmento tem condições de olhar o pluralismo religioso e, como consequência, lançar as bases para uma teologia das religiões de perspectiva protestante na América Latina, algo ainda por ser feito.

PALAVRAS-CHAVE

Ecumenismo. Pluralismo Religioso. Protestantismo. América Latina.

ABSTRACT

This article aims to address the ecumenical movement in Latin American Protestantism and the challenges of religious pluralism. Focusing on the ecumenical-progressive segment of Latin American Protestantism, especially in the reflections that formed the basis for what

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Religião (2014), licenciado em Filosofia (2006), bacharel em Teologia (2004). Realiza estudos, com o apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) – Processo n.º 2017/09589-8, na Universidade Metodista de São Paulo, pesquisando Teologia do Pluralismo Religioso e Diálogo Inter-religioso em perspectiva protestante. Parquera-Açu/SP, Brasil. Contato: alonso3134@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1066881650609101>.

became known as ISAL - Church and Society in Latin America, the text seeks to demonstrate that this segment is capable of looking at religious pluralism and, as to lay the foundations for a theology of Protestant religions in Latin America, something to be done.

KEYWORDS

Ecumenism. Religious Pluralism. Protestantism. Latin America.

Introdução

Há um reconhecimento histórico e teológico de que o protestantismo latino-americano participou ativamente no que ficou conhecido como Teologia Latino-americana da Libertação. Além desse primeiro reconhecimento, que deriva deste segundo, é sabido que o protestantismo latino-americano detém a primazia do Movimento Ecumênico². Com esses dois reconhecimentos, é possível afirmar que o protestantismo latino-americano colaborou afirmativamente na construção de um cristianismo aberto e solidário, sensível às questões prementes da sociedade, buscando articular fé, política e dignidade humana a partir de uma teologia engajada, ecumênica e dialógica. O Movimento Ecumênico, com suas raízes internacionais, forjou no continente uma práxis libertária, comprometida com o ser humano e sua integralidade. Esse ideal protestante, como “trabalhos em prol da unidade, desafios pastorais, visão educacional, missionária e de serviço ao próximo marcaram profundamente a vida das igrejas”³, tendo êxito na América Latina por determinado período. O projeto protestante em curso foi afetado, drasticamente, pelos

² “É bom recordar dois aspectos importantes: primeiro, os protestantes latino-americanos estiveram na fase inicial de produção desse conhecimento teológico novo, com esse novo método de fazer teologia, que mais tarde chegaria a ser o que conhecemos como Teologia da Libertação. E o segundo é reconhecer que ecumenismo e protestantismo têm andando sempre juntos. A iniciativa ecumênica e sua manutenção do ecumenismo em todos os sentidos – humano, material, financeiro – sempre foram obra dos protestantes”. BITTENCOURT FILHO, José. “Da marginalização à proscrição na América Latina”. In: KOINONIA. *Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscrição*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 57.

³ LONGUINI NETO, 2002, p. 43.

regimes de exceção que sequestraram o poder forçando, assim, pessoas, igrejas, grupos e entidades ecumênicas a uma tomada de decisão, a favor ou contra o autoritarismo militar no início da década de 1960, que seguia ignorando os direitos humanos em nome do epítome “segurança nacional”. É indelével as marcas do autoritarismo militar na configuração do protestantismo latino-americano.

É nesse período que o protestantismo de perspectiva ecumênico-progressista⁴ se viu diante de alguns dilemas, principalmente depois de receber o rótulo de “comunista” por parte de segmentos considerados conservadores dentro do protestantismo⁵. É esse protestantismo ecumênico-progressista que, mesmo com os embates e perdas significativas no seu quadro de expoentes – como Richard Shaull que se viu obrigado a deixar o Brasil por razões político-ideológicas⁶ –, que ainda persiste o ideal de luta e o anseio por melhores condições de vida, onde a justiça e a dignidade humana tenha o seu lugar e devido valor. Ocorre que esse segmento do protestantismo, ecumênico-progressista, enfrenta dificuldades na sua articulação em nível institucional. Com boa parte do protestantismo histórico cada vez mais inclinado à tendências conservadoras e fundamentalistas, seja no campo teológico, político e, concomitante, a ausência de diálogo com outras expressões religiosas, resultado de uma postura exclusivista e verticalista, o protestantismo de perspectiva

⁴ Por protestantismo de perspectiva ecumênico-progressista entendemos ser um conjunto formado por pessoas que se unem em prol de ações que visam articular em suas reflexões os aspectos teológicos, sociais e políticos de mudança social. Para esse fim, protestantes e católicos dão às mãos com o objetivo de propor maneiras que amenizam e/ou transformam a realidade latino-americana marcada por gritante desigualdade social. Esse conjunto de elementos está, dentre outras entidades, melhor representado no ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina. Dessa representatividade ainda há autores/autoras que articulam tais propostas no contexto latino-americano.

⁵ “Há uma ascensão de fundamentalistas às cúpulas eclesiásticas os quais vão reproduzir nas igrejas aquilo que ocorria na sociedade: censuras a professores de teologia, fechamento de seminários, expulsão de professores e alunos, perseguição a pastores”. LONGUINI NETO, 2002, p. 141.

⁶ “Deixei o Brasil no início dos anos 60, ao término de minha relação com a Igreja Presbiteriana. E poucos anos depois do golpe militar de 1964 tive recusado um visto para retornar ao país. Assim começava um exílio que durou até 1985”. SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça*: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 245.

ecumênico-progressista necessita de outras frentes de articulação para levar adiante seu ideário de justiça social, cidadania, direitos humanos e diálogo inter-religioso. Faz-se necessário abrigar outras concepções teológicas a fim de ampliar convergências que possam continuar dando fôlego para novas etapas na reflexão teológica e caminhada ecumênica.

Movimento Ecumênico Latino-americano

O Movimento Ecumênico Latino-americano (ME) tem suas raízes no Congresso do Panamá (1916)⁷. O Congresso marca o protestantismo latino-americano entre um antes e um depois. Depois do Congresso, o protestantismo latino-americano se articula de maneira estratégica para levar adiante suas propostas missionárias no continente. Assim, a maior preocupação do Congresso foi com a missão na América Latina. Por este fato, o Congresso foi para a América Latina e não da América Latina, como bem acentua Gottfried Brakemeier: “Dos 481 participantes apenas 28 eram de origem latino-americana. A língua oficial foi o inglês”⁸. As avaliações do Congresso para a América Latina incorre em alguns problemas, sendo que um deles se deu com a Igreja Católica⁹. Essa dificuldade com a Igreja Católica, se estendeu aos participantes do Congresso. Para Longuini Neto, pesquisador do tema, houve equívocos nas análises do Congresso quanto ao diagnóstico da América Latina e sua religiosidade, principalmente em relação ao catolicismo¹⁰.

Ainda assim, o ME encontrou ressonâncias em duas vertentes do protestantismo latino-americano: a vertente ecumênico-progressista e a

⁷ “Em nível continental, os historiadores, ainda que com pequenas divergências, aceitam que os esforços de unidade cristã têm como ponto de partida o Congresso do Panamá (1916)”. LONGUINI NETO, 2002, p. 40.

⁸ BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004, p. 59.

⁹ “As autoridades dessa igreja no Panamá já haviam rechaçado com veemência a realização do congresso protestante em sua terra”. PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina (1916-2001)*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 29.

¹⁰ LONGUINI NETO, 2002, p. 95.

vertente evangelical¹¹. Interessa-nos a primeira vertente aqui por se tratar de um segmento que difere do evangelical em termos de reflexão teológica, leitura histórica e práxis ecumênica. Desde o início, houve tensões entre essas duas vertentes do ME. Uma dessas tensões se deu no aspecto institucional. Enquanto o evangelical estava ligado a um ecumenismo de cúpula, portanto mais eclesiástico, o progressista estava voltado para um ecumenismo de movimento, portanto mais eclesial. Zwinglio Mota Dias faz uma análise da vertente ecumênico-progressista, deixando claro que se tratava de uma proposta ousada que alçava para além das fronteiras institucionais das denominações. Por isso, esse ecumenismo de tendência progressista, detinha uma “visão sociopolítica [...] que [via] urgência na necessidade de buscar soluções para os cadentes problemas da sociedade latino-americana, intentava sensibilizar a igreja em relação aos problemas que afligiam essa sociedade em termos estruturais”¹². Não por acaso que essa vertente do ME “foi demonstrando sua natureza anti-sistêmica e anti-institucional”¹³. Esse ecumenismo de tendência progressista favoreceu o surgimento de entidades ecumênicas e organizou conferências na América Latina¹⁴. Mas o que ficou marcado na sua trajetória, foi a maneira como enfrentou os regimes de exceção, exercendo um papel fundamental na luta por justiça e melhores condições de vida para o povo latino-americano. Será essa vertente do ME que incidirá, com maior contundência, a reflexão sobre os direitos humanos, os povos indígenas e os esquecidos do continente. O ápice desse trabalho, se dá com a Carta de Oaxtepec (México, 1978)¹⁵. Quando o ME claramente se divide na América Latina por questões político-ideológicas, em curso pelos regimes militares, ocorre uma distinção notória entre conservadores e progressistas. Com isso, fica evidente os caminhos e os riscos inerentes

¹¹ A vertente evangelical do protestantismo latino-americano, está ligada ao Pacto de Lausanne e se identificou com a Missão Integral.

¹² *Apud* LONGUINI NETO, 2002, p. 41.

¹³ *Apud* LONGUINI NETO, 2002, p. 41.

¹⁴ Para maiores detalhes desse dado, ver Dafne Sabanes Plou, em texto já citado, onde há três capítulos (4, 5 e 6) dedicados a vertente do ecumenismo progressista na América Latina.

¹⁵ Na carta, há uma clara preocupação com setores esquecidos, povos originários da América Latina, direitos humanos e a questão ecológica, um tema ainda incipiente na reflexão mundial. Para acesso à carta ver: LONGUINI NETO, 2002, p. 248-249.

da vertente identificada como ecumênico-progressista. Enquanto conservadores e fundamentalistas se agrupam a partir de discursos comuns em torno de uma agenda alinhada à política de segurança nacional e *ad intra* na ação e reflexão denominacional, a vertente ecumênico-progressista arrisca um caminho de resistência e reflexão crítica, portanto, uma postura *ad extra* no aspecto denominacional¹⁶. Dentre os setores dessa tendência ecumênico-progressista no decorrer das décadas de 1960 até 1980 surgiram propostas de unidade com suas determinadas siglas, entre elas a ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina).

ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina

Dentre as entidades ecumênicas do protestantismo latino-americano, ISAL é a mais ousada e a que mais se arriscou na sua trajetória e, por conta disso, a que mais sofreu perdas nos anos considerados de “chumbo”. As pessoas que faziam parte de ISAL sabiam dos riscos e, ainda assim, levaram adiante um anseio, alimentados pela fé e na esperança de ver um continente livre de tantas e infundáveis mazelas. Não era um grupo que olhava apenas para as suas igrejas, antes enxergava a América Latina e sua condição gritante de desigualdade. Por este comportamento, ISAL perdeu, no seu curto período de existência, o apoio de igrejas. Mas são esses personagens que, imbuídos “de uma utopia histórica de que as nações latino-americanas pudessem sair da condição servil e coadjuvante para se tornarem nações soberanas, igualitárias e democráticas”¹⁷, levaram adiante um ecumenismo militante e autóctone. Em ISAL estavam pensadores de destaque como Richard Shaull, Rubem Alves, José Míguez Bonino, Júlio de Santa Ana e Juan Luis Segundo, apenas para citar alguns¹⁸. Em ISAL surgem as primeiras reflexões teológicas, fornecendo, assim, meios para o que veio se chamar

¹⁶ LONGUINI NETO, 2002, p. 227.

¹⁷ BITTENCOURT FILHO, José. “ISAL e seu contexto – um ensaio”. In: ROSA, Wanderley Pereira; ADRIANO FILHO, José (Orgs.). *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a Conferência do Nordeste 50 anos depois (1962-2012)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 17.

¹⁸ BITTENCOURT FILHO, 1996, p. 70-72.

de Teologia Latino-americana da Libertação¹⁹. Interessa aqui, portanto, fazer uma breve análise da configuração de ISAL.

Aspectos teológicos de ISAL

Quando José Míguez Bonino faz uma leitura do que ele chama de “rosto liberal” do protestantismo latino-americano, menciona ISAL como um dos elementos desse ramo do protestantismo na América Latina. Como participante de ISAL, Míguez Bonino faz uma observação quanto à teologia que alimentava o grupo. Para ele, o grupo tinha uma “visão teológica de inspiração barthiana, que procura[va] combinar uma teologia bíblica de redenção numa ótica histórica com um chamado à militância ativa nos movimentos sociais e políticos de libertação”²⁰. Essa síntese, fornece algumas características teológicas do grupo e de como faziam suas articulações com o contexto a partir da dinâmica social. Além de mencionar a influência de Karl Barth²¹ na elaboração teológica do grupo, Míguez Bonino deixa claro a postura dialética entre teologia e realidade social com um fim libertador²². Não por acaso, que o teólogo metodista argentino assegura que dessa postura teológica haverá desdobramentos, principalmente para o catolicismo, contribuindo para

¹⁹ “Esse foi o berço, primeiramente protestante e mais tarde também ecumênico, onde nasceu a teologia da libertação. Tal fato é reconhecido por vários teólogos e historiadores, inclusive católicos” – LONGUINI NETO, 2002, p. 139-140.

²⁰ MÍGUEZ BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 25-26.

²¹ Para Míguez Bonino, Karl Barth foi o teólogo que mais influenciou o Movimento Ecumênico Latino-americano. O autor menciona isso em outros textos seus. Para uma análise dessa influência: SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana: palavra, evento e práxis de libertação*. São Paulo: ASTE, 2013.

²² Em outro texto, Míguez Bonino amplia um pouco mais essa assertiva depois dos anos 1966-1968: “Passou-se de uma teologia predominantemente barthiana a uma teologia da ação transformadora de Deus na história, fortemente influenciada pelo pensamento de Paul Lehman e Richard Shaull. Finalmente Rubem Alves deu-lhe expressão criadora em diálogo crítico com Marcuse, por um lado, e com Moltmann, por outro”. MÍGUEZ BONINO, José. *A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 54.

o que ficou conhecido como “teologia da libertação”²³. Outra descrição teológica desse grupo é fornecida por José Bittencourt Filho: “Em ISAL, a hegemonia do pensamento teológico pertencia aos protestantes. Isto implicava que as formulações eclesiológicas fossem identificadas com os postulados da Reforma”²⁴. Nesse sentido, as bases teológicas do grupo estão dadas e pensadores de destaque contribuem para que ISAL tenha condições acadêmicas para favorecer um debate de elevado nível. Dessa forma, o grupo que compõe ISAL estava atento ao debate teológico que acontecia fora do continente, acolhendo, portanto, perspectivas teológicas e leituras contextuais que, de alguma maneira, contribuíssem para que os objetivos do grupo fossem adiante. Bittencourt Filho ressalta que ISAL “não desprezava a tradição da Reforma, nem as contribuições do primeiro mundo; todavia, seus integrantes introduziram releituras teológicas, filosóficas e científicas reconhecidamente inovadoras, criativas e indelevelmente ecumênicas”²⁵.

Dentre os expoentes teológicos de ISAL, queremos destacar Richard Shaull. A partir de um protestantismo de missão, de matriz estadunidense, portanto, marcado por características idiossincráticas peculiares, que Richard Shaull propõe uma eclesiologia conhecida como “nova diáspora”. Essa concepção teológica significava uma nova perspectiva eclesiológica, onde os cristãos estariam espalhados pelo mundo e não, precisamente, reclusos nos templos de suas igrejas. Isso é profundamente significativo para o momento, ainda mais se considerarmos as análises de Rubem Alves sobre o protestantismo que se configurou na América Latina de herança norte-americana. Um protestantismo marcado pelo Pietismo, onde as preocupações giravam em torno de indivíduos e as máximas que se propagava se davam a partir da “tristeza pelos pecados cometidos, [e a] certeza da salvação”²⁶. Nessa dimensão, a conversão passa a ser a maior conquista, sendo, assim, a principal meta das igrejas, importando mesmo “salvar a alma, já que o mundo está[va] perdido”²⁷.

²³ MÍGUEZ BONINO, 2002, p. 26.

²⁴ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 164.

²⁵ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 166.

²⁶ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 121.

²⁷ ALVES, 1982, p. 126.

É nesse contexto teológico que Shaul desenvolve uma eclesiologia da “nova diáspora”, questionando esse comportamento: “A congregação local tira a pessoa do mundo e absorve o seu tempo num programa religioso, em lugar de deixá-la em liberdade para a sua missão no mundo”²⁸. Sendo uma das principais dificuldades do protestantismo, que ainda persiste, com algumas exceções, Shaul a enfrenta com uma percepção bíblica, o êxodo do povo hebreu, aplicando essa leitura para a realidade da Igreja latino-americana. Portanto, para que uma “nova diáspora” acontecesse era preciso recuperar a noção de provisoriedade (herança barthiana em Shaul) da Igreja. Sua crítica é contundente: “O programa da igreja local converteu-se num meio pelo qual os cristãos são arrancados da sua inserção no mundo onde Deus está operando, para se tornarem parte de uma instituição religiosa”²⁹. Com essa crítica, Shaul tem uma percepção teológica que não compreende o “mundo” como abandonado por Deus, mas como espaço da sua atuação que, de maneira inevitável, pressupõe a participação da igreja na missão de Deus. Esse comportamento teológico de Shaul encontrou barreiras, a julgar pelas características que formam o protestantismo latino-americano. Por essa razão, há consenso entre os pesquisadores que tratam de ISAL, pontuarem certa rejeição da estrutura eclesiástica das igrejas a essa concepção eclesiológica. “A eclesiologia proposta por ISAL era de uma radicalidade e ao mesmo tempo de uma simplicidade tão grande que nem as igrejas protestantes e nem os católicos conseguiram absorver”³⁰.

O legado de ISAL

Naturalmente ISAL não teve oportunidade de aprofundar alguns temas, como também abordar outros que, já na época da sua atuação, se mostravam delicados. Não obstante a isso, por questões político-ideológicas, ISAL sofreu perdas no seu quadro de integrantes, mas também amargou perdas financeiras por parte das igrejas³¹. Somando essas

²⁸ SHAULL, Richard. *De dentro do furacão*: Richard Shaul e os primórdios da teologia da libertação. São Paulo: Sagarana, 1985, p. 137.

²⁹ SHAULL, 1985, p. 142.

³⁰ LONGUINI NETO, 2002, p. 145.

³¹ “Os conflitos de caráter político-ideológicos se impõem nas agendas dos dirigentes eclesiásticos. A reflexão teológica que ISAL começa a desenvolver, a partir de uma

tensões, ISAL deixa de existir como uma das entidades do Movimento Ecumênico Latino-americano, mas contribuiu com um indelével legado reflexivo e ecumênico para a posteridade. Esse legado foi possível porque ISAL, desde a sua gênese, conseguiu acolher pessoas de diferentes áreas do saber que estavam dispostas a entender, refletir e agir diante da realidade latino-americana. Quando grupos conservadores assumem o poder das estruturas eclesiásticas, os integrantes de ISAL se viram forçados a migrar de suas igrejas. Nesse sentido, cumpre-se o que Shaul desenvolveu como perspectiva teológica: há uma “nova diáspora”. É dessa maneira que os integrantes de ISAL contribuem para a “construção de um pensamento que leva as marcas da originalidade latino-americana”³² em termos teológicos. O compromisso social já havia sido consolidado em ISAL e, por essa razão, foi factível aos herdeiros, desde os mais próximos (década de 1970) até os mais longínquos (década de 1990), os que partilhavam dos mesmos ideais que alimentaram o grupo, sentirem-se participantes, de alguma maneira, do legado de ISAL. Ou seja, são pessoas que, quando marcadas pela pluralidade e comprometidas com uma teologia que pisa o chão latino-americano, se identificam com ISAL. Isso se dá porque ISAL calçou os “marcos teológicos protestantes, estabelece[ndo] os alicerces teóricos para a formulação de uma teologia com feição latino-americana”³³.

ISAL forneceu um aparato histórico, político e teológico para que os próximos articuladores tivessem uma história a memorar e um caminho a perseguir. Além de imprimir uma marca na trajetória do protestantismo latino-americano, ISAL demonstra que o protestantismo na América Latina tem, de fato, várias faces, mas há uma, dentre outras, que não está comprometida com o discurso reacionário, como também não se furta da reflexão em torno dos problemas e questões do seu tempo. Assim, é possível reafirmar que “ainda hoje, protestantes e católicos verdadeiramente comprometidos com uma perspectiva teológica autóctone e com o ecumenismo de

constatação da ideologização da mensagem protestante em função do *status quo* econômico-político reinante, provoca uma polêmica virulenta no interior das igrejas”. DIAS, Zwinglio Mota. “Etapas no desenvolvimento histórico do movimento ecumênico”. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 44.

³² DIAS, 2008, p. 45.

³³ BITTENCOURT FILHO, 2012, p. 25.

serviço devem reconhecer-se como herdeiros de ISAL”³⁴. Os herdeiros de ISAL estão cientes da condição minoritária quando se compromete com a dimensão ecumênica. Não se tem a pretensão de lidar com a massa (não no sentido pejorativo), antes se entende como minoria³⁵. Além disso, fica patente a percepção que é algo em movimento e não está, precisamente, enrijecido em instituições, como se essas fossem um fim em si mesmas.

Aos comprometidos com o Movimento Ecumênico (ME), há muito trabalho a ser feito. Os problemas hoje são diversos e complexos, exigindo acuidade na reflexão e no trato, de maneira respeitável. O ME de então não precisou lidar agudamente com o pluralismo religioso, que se constitui um fato na contemporaneidade, como também, de maneira mais contundente, com o diálogo inter-religioso. Além desse dado que provoca reflexão no campo teológico, há também a sistemática violação dos direitos humanos em diferentes lugares da América Latina, como também o recorrente problema do racismo, a questão de gênero, homossexualidade e a intolerância religiosa. Todas essas questões exigem diálogo. Quando essas questões são colocadas diante dos herdeiros do que foi e representou ISAL, abre-se a possibilidade para que novas leituras sejam feitas e que outras percepções da realidade sejam percebidas. O cenário hoje é marcado por questões existenciais que, inevitavelmente, subvertem questões estruturais (grande preocupação de ISAL, como também da teologia latino-americana da libertação). Dar-se outras formas para situações que eram tratadas em âmbitos macro e, agora, precisam ser tratados em âmbito micro, como as subjetividades e a produção de sentido (agora muito mais envolvida com a dimensão simbólica). Eis os desafios do ME, o qual tem em ISAL um aporte para prosseguir desenvolvendo reflexão teológica engajada, com a devida resistência, forjando meios associativos e perseguindo os ideais ecumênicos, com sensibilidade pastoral e reflexão teológica atenta ao contexto social³⁶.

³⁴ BITTENCOURT FILHO, 2012, p. 25.

³⁵ “A conversão religiosa de uma minoria cristã crítica constitui um fermento e um fermento necessário de toda mudança política que pretenda, de uma forma ou de outra, caminhar para a utopia do Reino” – SEGUNDO, Juan Luis. *Massas e minorias: na dialética divina da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 51-52.

³⁶ “A tribo ecumênica, teimosamente, ainda bate seus tambores e envia sutis sinais de fumaça, esperando por interlocutores comprometidos com um cristianismo mais

Movimento ecumênico e os desafios do pluralismo religioso

Dentre esses desafios, destacamos a questão inter-religiosa, um tema que desperta intensa discussão, mas que ainda não há uma ampla produção sobre a temática entre os protestantes, isso com as devidas exceções que pretendemos destacar adiante. A temática das religiões configura-se como um eixo central para se pensar em outras questões da dinâmica social e das relações sociais. O problema do racismo passa, invariavelmente, pelas religiões de matriz africana e sua inserção notória na sociedade. A discussão em torno das questões indígenas envolve a cultura religiosa e a leitura de mundo de um povo. Enfim, a temática das religiões perpassa as grandes questões provocando reflexão que leva, por sua vez, a uma práxis visando à dignidade da vida. Refletir sobre a dignidade da vida envolve a militância pelos direitos humanos, sabidamente uma das contribuições do cristianismo para o ser humano³⁷. As religiões precisam estar envolvidas com os direitos humanos, uma vez que elas, as religiões, detém uma ética voltada para o bem comum, o principal alvo dos direitos humanos. O ME não se furta dessa discussão, antes se propõe não apenas a refletir, mas também buscar meios para a sua concretização. Para isso, é preciso haver novas abordagens teológicas a partir

plural, menos igrejeiro e mais empenhado nas lutas sociais e na defesa dos direitos das minorias. O FEBRASIL (Fórum Ecumênico Brasil), a KOINONIA e a REJU (Rede Ecumênica de Juventude) representam novas 'ilhas de dissidência' que reúnem pessoas esperançosas de que o princípio protestante volte a agir nas instituições protestantes". CALVANI, Carlos Eduardo B. "Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil: um projeto que ainda não se extinguiu". *Horizonte*, v. 13, n.º 40, 2015, p. 1922.

³⁷ "Como cristãos somos chamados a participar da missão de Deus de justiça, paz e respeito por toda a criação, e a procurar a vida abundante que Deus deseja para toda a humanidade. Nas Escrituras, na tradição e nas muitas maneiras pelas quais o Espírito ilumina nossos corações, hoje, discernimos o dom da dignidade oferecido por Deus a todo o ser humano e o direito inerente que lhes assiste de aceitação e de participação na comunidade. É daí que decorre a responsabilidade da Igreja, o corpo de Cristo, de trabalhar pelo respeito universal e pela implementação dos Direitos Humanos". Documento do CMI sobre "Direitos humanos e as igrejas: novos desafios" (Suíça, 1998). Ver: DIAS, Zwinglio Mota. "O movimento ecumênico e a promoção dos direitos humanos". In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 83.

do caminho já aberto pelo que ficou configurando como protestantismo ecumênico-progressista, representando, dentre outras entidades, mas de maneira efetiva, por ISAL.

A partir do exposto, propomo-nos a contribuir para algo que segue ainda de maneira incipiente no protestantismo latino-americano, a temática da pluralidade religiosa e uma teologia que dessa percepção possa ser fomentada.

Há indicações, em diferentes autores que tratam do ME, que uma reflexão teológica a partir das religiões seria algo que aconteceria de maneira consequente dentro da vertente ecumênico-progressista do protestantismo latino-americano. Quem assim indica esse caminho são dois expoentes do ecumenismo latino-americano, Anivaldo Padilha e Júlio de Santa Ana. O primeiro diz: “Os preconceitos ideológicos devem ser rompidos em favor de ações originais, que ultrapassem a linha do ecumenismo clássico e contemplem a transconfessionalidade”³⁸. O autor fala em transconfessionalidade, um gigantesco desafio para o protestantismo arraigado em suas estruturas eclesiásticas. Ampliando ainda mais essa questão, o teólogo metodista uruguaio, Júlio de Santa Ana, quando escreve um dos seus principais e um dos textos fundamentais para a reflexão ecumênica na América Latina, faz uma preciosa observação: “Coexistem com as igrejas outras comunidades religiosas que dão testemunho de formas de experiência de Deus e do sagrado em termos diferentes das do cristianismo: trata-se das religiões indígenas e de diversas expressões das religiões afro-americanas”³⁹. O autor não aborda esse tema no seu texto, mas não deixa de reconhecer que havia uma necessidade de ampliar a questão ecumênica, olhando para outras expressões religiosas. Assim, completa: “O movimento ecumênico na América Latina é seriamente desafiado a levar estas religiões em conta no seu diálogo comum. Isto é, considerá-las seriamente, o que significa não desacreditá-las rapidamente como se fossem formas ‘primitivas’ de algum tipo de ‘superstição’”⁴⁰.

³⁸ PADILHA, Anivaldo. “Relações internacionais de cooperação: notas ecumênicas”. In: KOINONIA. *Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 101.

³⁹ SANTA ANA, Júlio de. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 11.

⁴⁰ SANTA ANA, 1987, p. 11.

Pluralismo religioso

“O pluralismo que se configura por força da descristianização impõe questionamentos missiológicos radicais; e ainda aponta para a pertinência e a oportunidade dos diálogos inter-religiosos e interconfessional”⁴¹. O ME não ignora o tema, mas também não fornece, num primeiro instante, aportes para uma reflexão apropriada da temática, antes reconhece certo atraso no trato do pluralismo religioso em comparação ao ME de nível internacional: “O movimento ecumênico internacional [...], já ultrapassou a fase na qual a prioridade maior era a unidade visível dos cristãos”⁴². Ao reconhecer isso, o ME sinaliza que houve (e há) certo retraimento por parte do ME em abrir um necessário diálogo com as demais expressões religiosas. Com isso, Bittencourt Filho, a partir do exemplo ecumênico internacional, vaticina: “Hoje, mediante as transformações estruturais em nível planetário, às portas do terceiro milênio, tornou-se imperativo o diálogo intercultural”⁴³. O pluralismo religioso foi um tema recorrente fora da América Latina, principalmente na Europa. No contexto europeu, esse tema começou a ser pensado ainda no século XIX, quando missionários viram o escândalo do divisionismo protestante e, imbuídos de uma teologia liberal, deram início ao Movimento Ecumênico. Com isso, foi possível perceber a necessidade de se pensar nas demais expressões religiosas, principalmente em lugares que o cristianismo não era maioria. Assim, mesmo com uma perspectiva teocêntrica quanto à teologia missionária, houve um interesse em conhecer as religiões de maneira mais objetiva⁴⁴. Por essa razão, o ME latino-americano percebe, com certo atraso, essa necessidade de abertura para as demais expressões religiosas, mesmo, como já vimos, haver sinalização precoce sobre o tema com autores que são, notavelmente, ecumênico-progressistas.

⁴¹ BITTENCOURT FILHO, José. “Pluralismo religioso: um desafio ao ecumenismo”. In: KOINONIA. *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*. Rio de Janeiro: KOINONIA, 1995, p. 47.

⁴² BITTENCOURT FILHO, 1995, p. 47.

⁴³ BITTENCOURT FILHO, 1995, p. 47.

⁴⁴ CUNHA, Magali. “Religião e paz: contribuições do movimento ecumênico à superação da violência e à construção da paz com justiça”. In: SOTER (Org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 19.

O fato de o pluralismo religioso ser uma das principais características latino-americanas não foi um fator decisivo, em décadas anteriores, para que o ME ampliasse sua reflexão em torno das religiões predominantes no continente, como as de matriz afro e indígenas, por exemplo. Ao se reconhecer uma realidade religiosa plural, o ME viu o pluralismo religioso com ambiguidade. A pergunta foi: até que ponto a pluralidade religiosa é positivo ou negativo para a realidade latino-americana e suas dificuldades culturais? Ainda assim, há indicativos de que “o continente será no futuro menos católico, mais pentecostal, com espaços significativos para a religiosidade indígena e africana, e com uma incidência real, ainda que modesta, do protestantismo histórico”⁴⁵. Diante desse quadro, o pluralismo religioso não é recebido com pessimismo, antes é tido como uma oportunidade, uma chave de abertura e diálogo. Walter Altmann dá algumas pistas de como poderia haver um profícuo trabalho a partir do ME e as demais expressões religiosas:

É uma experiência comum que adeptos de diferentes expressões religiosas podem encontrar-se e cooperar significativamente diante de necessidades e desafios bem concretos: a luta pela terra de camponeses e indígenas, o cuidado da natureza, o estabelecimento de uma paz com justiça, a defesa da dignidade da vida⁴⁶.

Os desafios que Altmann pontua são notórios e prementes, mas o autor reconhece a falta de ação por parte das igrejas⁴⁷. O autor amplia ainda mais esses desafios ao ME e faz uma constatação: “O desafio ecumênico se estende para além da relação entre igrejas cristãs, abarcando as expressões religiosas num sentido amplo”⁴⁸. Para que esse desafio ecumênico seja, de alguma maneira, tornado mais efetivo, seria necessário haver uma ampliação da reflexão teológica sobre as religiões (teologia das religiões), bem como uma abordagem pluralista que envolva a cultura

⁴⁵ ALTMANN, Walter. “O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo na América Latina”. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina – perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 400.

⁴⁶ ALTMANN, 2000, p. 410.

⁴⁷ ALTMANN, 2000, p. 412.

⁴⁸ ALTMANN, 2000, p. 412.

e a dinâmica social das religiões. Com isso, seria possível deslumbrar um horizonte em que o diálogo possa se dá a partir da “afirmação da vida e de sua dignidade”⁴⁹.

A necessidade de ampliar uma reflexão teológica a partir da teologia ecumênica se faz salutar. Quando há a constatação que “o movimento ecumênico recusou-se a apoiar um cristianismo introvertido e exclusivista, que ignora a pluralidade de religiões”⁵⁰, abre-se possibilidades, que são inerentes ao modo de ser do protestantismo. O acolhimento de percepções teológicas em que as religiões são fontes de diálogo: “À medida que se abrem novos canais de diálogo entre pessoas de diferentes fés, muitos iniciados ecumenicamente, torna-se mais clara a importância de uma compreensão esclarecida de pluralidade religiosa”⁵¹. Mesmo no contexto europeu, não houve um desenvolvimento de uma teologia das religiões em perspectiva protestante. Ainda que Paul Tillich tenha iniciado o debate, nos EUA, não houve tempo para aprofundar uma teologia que levasse em consideração a história das religiões como ele gostaria, embora a sua contribuição seja imprescindível⁵². Por essa razão, há uma tarefa pendente ao ME: “Articular uma teologia cristã da religião capaz de promover e manter um diálogo responsável com pessoas de fés diferentes”⁵³.

Para Claudio Ribeiro, um autor que tem se dedicado a esse tema, uma teologia ecumênica das religiões tem “como eixo articulador a preocupação pela paz, pela justiça e pela integridade da criação”⁵⁴. O autor está apontando o real objetivo de uma reflexão teológica que leve em consideração as demais religiões. A sua perspectiva está centrada no aspecto pluralista, do qual ele trata como um princípio (uma referência à Paul

⁴⁹ ALTMANN, 2000, p. 412.

⁵⁰ GENSICHEN, Hans. “Pluralismo”. In: LOSSKY, Nicholas [et. al.] (Eds.). *Dicionário do movimento ecumênico*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 901.

⁵¹ GENSICHEN, 2005, p. 901.

⁵² A sua viagem ao Japão (1960) proporcionou um rico debate com representantes do budismo e as conferências com o colega Mircea Eliade na Universidade de Chicago (1965) deu a ele a oportunidade de contribuir, como teólogo sistemático, ao debate em torno da teologia das religiões. Um dos principais textos de Tillich sobre este tema é: “O significado da história das religiões para o teólogo sistemático” – TILLICH, Paul. *El futuro de las religiones: cuatro ensayos*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

⁵³ GENSICHEN, 2005, p. 902.

⁵⁴ RIBEIRO, 2014, p. 15.

Tillich, quando este desenvolveu o princípio protestante⁵⁵). Por “princípio pluralista”, o autor entende uma maneira de observar a sociedade na sua pluralidade, ou seja, não sendo, portanto, possível enxergar a dinâmica religiosa-política-cultural-social de maneira compartimentada, mas dentro de um processo sinérgico, com as devidas proporcionalidades. O princípio pluralista, nesse sentido, supera alguns interditos, sejam eles doutrinários ou institucionais, porque se configura como um fator pertinente de observação de uma determinada dimensão religiosa. Para Ribeiro, “o *princípio pluralista* contempla tal perspectiva ecumênica, valorativa do diálogo e das aproximações inter-religiosas, mas é mais amplo, uma vez que também se constitui em instrumento de avaliação da realidade social e cultural, sobretudo para melhor compreensão das diferenças, religiosas ou não”⁵⁶. É neste sentido que é possível haver recepção da dimensão plural da religião, uma vez que os elementos para uma visão pluralista estão dados, quais sejam: “alteridade, respeito à diferença e o diálogo e a cooperação prática e ética em torno da busca da justiça e do bem comum”⁵⁷.

Conscientes das dificuldades teológicas inerentes ao cristianismo protestante que, por parte de alguns autores, não atentou com a devida consideração para a realidade plural das religiões, antes houve quem considerasse “o cristianismo como a melhor religião (Schleiermacher) ou como a fé verdadeira para além da religião (Barth)”⁵⁸. Posturas como essas não se sustentam mais dentro de uma realidade de pluralismo religioso, o que não significa, também, aceitar certo relativismo religioso pela via cultural, eximindo as religiões, com isso, de críticas.

Uma vez que o ME protestante de vertente ecumênico-progressista na América Latina sinalizou a necessidade de haver a continuidade de

⁵⁵ “O protestantismo tem um princípio situado além de suas realizações. É a força crítica e dinâmica presente em todos os feitos protestantes, sem se identificar com nenhum deles. Não se encerra numa definição. Não se esgota em nenhuma relação histórica; não se identifica com a estrutura da Reforma, nem do cristianismo primitivo, nem mesmo com formas religiosas” – TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Bernardo do Campo: IEPG, 1992, p. 183.

⁵⁶ RIBEIRO, Claudio. “O princípio pluralista”. *Cadernos Teologia Pública*, ano XIV, n.º 128, vol. 14, 2017, p. 13.

⁵⁷ RIBEIRO, 2014, p. 16.

⁵⁸ ROUNER, Leroy. “A teologia das religiões na teologia protestante recente”. *Concilium*, n.º 203, 1986 (1), p. 117.

uma reflexão teológica que levasse em consideração as demais religiões, em suas características e potencialidades, é notória a lacuna de tais reflexões. Ainda há um longo caminho a ser percorrido. O legado do ME precisa ser valorizado, mas também precisa ser ampliado. Dentro dessa preocupação em valorizar o caminho aberto pelo ME, Claudio Ribeiro propõe uma reflexão teológica que soma ecumenismo com teologia das religiões. O trabalho de articular autores de diferentes tradições, principalmente católicos e protestantes, como também religiões indígenas e de matriz africana, vem sendo feito pelo autor em diferentes produções, bem como na sua práxis pastoral⁵⁹. Ainda assim, é escassa a produção dentro dessa perspectiva proposta, havendo a necessidade de articular com outras vozes que compartilham do espírito ecumênico que alimentou a reflexão teológica e a práxis latino-americana e, além disso, acolha as experiências religiosas dentro das suas verdades e compromissos com a vida. Uma teologia ecumênica das religiões fornece uma proposta teológica que alinha reflexão (teologia das religiões) e práxis (diálogo inter-religioso).

É preciso destacar posturas teológicas que leve em consideração temas como a paz, a dignidade da vida, a justiça social e a ecologia. Uma teologia protestante ecumênica das religiões tem condições de perseguir essa agenda. Uma proposta teológica que não tenha como ponto de partida temas comuns à vida não tem o que dizer em um contexto plural, em que a diversidade é marca indelével. Esse mesmo contexto plural e diverso favorece também integrista e fundamentalismo. Por isso, é necessário para um discurso e uma práxis que tenha no seu horizonte leituras que contemplem a complexidade da vida e suas demandas. Uma teologia protestante ecumênica das religiões tem como foco “o valor do humano e da ética social para o diálogo inter-religioso; as possibilidades de uma unidade aberta, convidativa e integradora no âmbito das religiões”⁶⁰. São essas características que precisam estar presentes quando uma proposta de teologia protestante ecumênica das religiões estiver em curso.

⁵⁹ Para melhor acompanhar a trajetória acadêmica alinhada à prática pastoral do autor, ver: RIBEIRO, Claudio. *Caminhos plurais: quatro décadas de trajetos ecumênicos e pastorais*. São Paulo: Reflexão, 2016.

⁶⁰ RIBEIRO, 2014, p. 15.

No nosso entendimento, não cabem mais posturas intolerantes e fechadas em torno de temas e ações que não contribuem para um “outro mundo possível”. Serão bem-vindas teologias que pensem a partir da alteridade, do respeito ao diferente, onde o diálogo e a cooperação tenha como ponte (problema) comum a “busca da justiça e do bem comum”⁶¹. Se aceitarmos o fato de que “as grandes questões que afetam a humanidade e toda a criação requerem, por suposto, indicações teológicas consistentes”⁶², uma vez que são grandes e desafiadores os temas como a paz e a justiça, “são necessários eixos norteadores para que a reflexão teológica possua uma abrangência capaz de ser relevante diante dos desafios que a sociedade apresenta”⁶³. Uma reflexão teológica engajada nesse contexto tem a possibilidade de contribuir para caminhos de paz e justiça. Uma teologia protestante ecumênica das religiões precisa articular essas preocupações com o que ela tem a oferecer em termos de aportes teológicos.

Diferente do catolicismo, o protestantismo não tem nos concílios e documentos oficiais diretrizes para uma teologia das religiões e parâmetros para o diálogo inter-religioso. A pluralidade é uma marca do protestantismo desde a sua gênese, embora sempre houve tentativas de cercar a liberdade e tutelar a sua interpretação. Não tendo, a rigor, um canal específico e definitivo de indicações, o protestantismo tem possibilidades de construções teológicas por não ser refém de uma ortodoxia enrijecida pela tradição.

Uma teologia protestante ecumênica das religiões em contexto latino-americano, precisa agregar o que existe de relevante na teologia protestante, em articulação com os desafios que são prementes na América Latina, como também em práticas inter-religiosas, cuja presença é minoria, mas que contribui para o fortalecimento de uma práxis dialógica. Isso já vem acontecendo. Recentemente, uma Igreja Evangélica do Rio de Janeiro, integrante do CONIC, na pessoa do seu pastor, notadamente envolvido com o Movimento Ecumênico, efetuou uma importante doação financeira para a reconstrução do barracão “Kwe Cejá Gbé de Nação Djeje Mahin”. O terreiro de candomblé, da mãe de santo Conceição

⁶¹ RIBEIRO, 2014, p. 16.

⁶² RIBEIRO, 2014, p. 57.

⁶³ RIBEIRO, 2014, p. 57.

d’Lissá, foi criminosamente incendiado por intolerância religiosa⁶⁴. Infelizmente, casos como esses têm aumentado no Brasil, exigindo, cada vez mais, posturas que sejam comprometidas com uma teologia ecumênica das religiões, onde o *oikomene* seja o foco, a nossa casa comum como lugar onde todos vivem e convivem.

Considerações finais

A prática ecumênica requer comprometimento na sua práxis e reflexão teológica engajada. O Movimento Ecumênico (ME), na sua vertente ecumênico-progressista do protestantismo latino-americano, buscou articular uma dimensão ecumênica que levasse em consideração os desafios político-sociais. Nesse sentido, o ME não esconde o seu objetivo, qual seja, participar da dinâmica social com espírito combativo. O segmento que mais se comprometeu com esse ideal foi ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina. Um grupo de pessoas que, imbuídos de um imaginário profético, colocou-se na linha de frente das principais questões que, nas décadas de 1960 em diante, estavam evidentes nos países latino-americanos. A contribuição de ISAL é imprescindível para o ME. Depois que ISAL deixou de existir como entidade ecumênica institucional, os herdeiros encontraram outras maneiras e formas para perseguir o ideal de ISAL. No Brasil, KOINONIA representa esse núcleo de resistência e militância, abrigando pesquisadores/pesquisadoras, bem como leigos/leigas como também clérigos.

Considerando os frutos de ISAL para a reflexão teológica protestante latino-americana, a nossa proposta se dá a partir da constatação de uma lacuna que a teologia protestante latino-americana tem, ou seja, a ausência de uma reflexão teológica a partir do pluralismo religioso e, como consequência, uma teologia protestante ecumênica das religiões.

Uma teologia das religiões em perspectiva protestante está em curso na América Latina, tendo o ME como berço natural. Dessa forma,

⁶⁴ “Terreiro de Candomblé será reconstruído com doação de igreja evangélica no Rio”. *O Globo*, 13/11/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/terreiro-de-candomble-sera-reconstruido-com-doacao-de-igreja-evangelica-no-rio-22066719>.

teólogos como Claudio Ribeiro, por exemplo, vem propondo uma leitura teológica ecumênica das religiões. O seu trabalho se dá, até o momento, em iluminar os possíveis caminhos para uma teologia das religiões em contexto latino-americano. O seu esforço é salutar e imprescindível para o debate teológico em torno das religiões. Mais ainda há escassez de reflexão dentro dessa temática. O que também nos propomos a fazer com uma pesquisa em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Referências

- ALTMANN, Walter. “O pluralismo religioso como desafio ao ecumenismo na América Latina”. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina – perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 391-414.
- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BITTENCOURT FILHO, José. “Da marginalização à proscricção na América Latina”. In: KOINONIA. *Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 49-75.
- BITTENCOURT FILHO, José. “ISAL e seu contexto – um ensaio”. In: ROSA, Wanderley Pereira; ADRIANO FILHO, José (Orgs.). *Cristo e o processo revolucionário brasileiro: a Conferência do Nordeste 50 anos depois (1962-2012)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 17-25.
- BITTENCOURT FILHO, José. “Pluralismo religioso: um desafio ao ecumenismo”. In: KOINONIA. *O sonho ecumênico: prefácio ao novo milênio*. Rio de Janeiro: KOINONIA, 1995, p. 45-47.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. “Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil: um projeto que ainda não se extinguiu”. *Horizonte*, v. 13, n.º 40, 2015, p. 1896-1929.
- CUNHA, Magali. “Religião e paz: contribuições do movimento ecumênico à superação da violência e à construção da paz com justiça”. In:

- SOTER (Org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 7-34.
- DIAS, Zwinglio Mota. “Etapas no desenvolvimento histórico do movimento ecumênico”. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 19-59.
- DIAS, Zwinglio Mota. “O movimento ecumênico e a promoção dos direitos humanos”. In: TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 79-93.
- GENSICHEN, Hans. “Pluralismo”. In: LOSSKY, Nicholas [et. al.] (Eds.). *Dicionário do movimento ecumênico*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 901-902.
- LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- MÍGUEZ BONINO, José. *A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- MÍGUEZ BONINO, José. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- O Globo*, “Terreiro de Candomblé será reconstruído com doação de igreja evangélica no Rio” (13/11/2017). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/terreiro-de-candomble-sera-reconstruido-com-doacao-de-igreja-evangelica-no-rio-22066719>
- PADILHA, Anivaldo. “Relações internacionais de cooperação: notas ecumênicas”. In: KOINONIA. *Por uma nova teologia latino-americana: a teologia da proscricção*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 95-132.
- PLOU, Dafne Sabanes. *Caminhos de unidade: itinerário do diálogo ecumênico na América Latina (1916-2001)*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- RIBEIRO, Claudio. “O princípio pluralista”. *Cadernos Teologia Pública*, ano XIV, n.º 128, vol. 14, 2017.
- RIBEIRO, Claudio. *Caminhos plurais: quatro décadas de trajetos ecumênicos e pastorais*. São Paulo: Reflexão, 2016.
- RIBEIRO, Claudio. *Pluralismo e libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.

- ROUNER, Leroy. “A teologia das religiões na teologia protestante recente”. *Concilium*, n.º 203, 1986 (1), p. 115-123.
- SANTAANA, Júlio de. *Ecumenismo e libertação: reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. *Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana: palavra, evento e práxis de libertação*. São Paulo: ASTE, 2013.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Massas e minorias: na dialética divina da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975.
- SHAULL, Richard. *De dentro do furação: Richard Shaull e os primórdios da teologia da libertação*. São Paulo: Sagarana, 1985.
- SHAULL, Richard. *Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo – Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- TILLICH, Paul. *A era protestante*. São Bernardo do Campo: IEPG, 1992.
- TILLICH, Paul. *El futuro de las religiones: cuatro ensayos*. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

Submetido em: 04/07/2018

Aceito em: 21/11/2018